



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

**15 a 18
outubro
2019**

MULIER SAPIENS¹: O MULHERIO COMO FEMINISMO ACADÊMICO NA CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA DE MULHERES INTELLECTUAIS

Livia Diana Rocha Magalhães
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: lrochamagalhaes@gmail.com

Mércia Caroline Sousa de Oliveira
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: merciacaroline00@gmail.com

Daniela Moura Rocha de Souza
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: profadanymoura@gmail.com

Historicamente, a atuação intelectual tem se constituído como um campo marcado pelo androcentrismo, ao qual, as mulheres têm sido marginalizadas, ora por infundadas suposições de inferioridade intelectual, ora por silenciamentos, opressões e/ou exclusões. Ao recuperarmos a categoria de intelectuais em geral designada à homens, que ressaltamos aqui a inclusão das mulheres, em particular a trajetória de feministas que aturaram no *Jornal O Mulherio*, impresso feminista que circulou a partir do ano de 1981, formado por mulheres pesquisadoras² da Fundação Carlos Chagas (FCC), sendo o primeiro agrupamento científico de repercussão pública a pretender por meio do saber institucionalizado trazer a condição da mulher brasileira, como centralidade e objeto passível de conhecimento e de pesquisa, e analisado sob a ótica de vários campos do conhecimento, visando romper com uma visão tradicional

¹ *Mulier sapiens* do latim mulher sábia, faz referência ao fato da ciência denominar o gênero *hominini* de *homo sapiens* do latim (homem sábio), utilizamos o neologismo para tratar da inserção da mulher na ciência.

² O *Jornal O Mulherio*, contou com 39 (trinta e nove) edições, foi editado entre o período de 1981 a 1988 (período que compreende o fim da ditadura e começo da redemocratização) e era formado por acadêmicas da Fundação Carlos Chagas (órgão do governo federal de representatividade científica no país), tendo a frente do conselho editorial e redação das notícias, pesquisadoras como a socióloga Fúlvia Rosemberg, a psiquiatra Maria Rita Kehl, a antropóloga Ruth Cardoso e a jornalista Adélia Borges, dentre outras, que se dedicavam ao estudo da condição feminina no Brasil e difusão das pesquisas realizadas dentro e fora do país com essa temática, seu conselho editorial trazia nomes importantes de mulheres ligadas à pesquisa no Brasil, a exemplo de Carmen Barroso, Carmen da Silva, Cristina Bruschini, Elizabeth Souza Lobo, Eva Alterman Blay, Heleieth Saffioti, Lélia Gonzalez, Maria Carneiro da Cunha, Lygia Quartim de Moraes, Maria Malta Campos, Maria Valéria Junho Pena, Marília de Andrade e Marisa Correa.



androcêntrica até então dominante, e propor a construção de uma nova concepção do “ser mulher” bem como, a defesa desta na ocupação de espaços intelectivos.

A relação entre mulheres e intelectualidade tem sido alvo de estudos de forma mais abrangente nas últimas décadas. Ainda que muitas iniciativas de rompimento à lógica da “supremacia intelectual do macho” tenham ocorrido ao longo da história, esse movimento vem se expandindo de forma mais massiva a partir da década de 1960, e no Brasil, a partir da década de 1970. Nesse período de grande mobilização política no Brasil, em resistência ao golpe civil-militar de 1964, no que se refere as mulheres, os jornais feministas se constituíram como um importante veículo de informações e agrupamento de militantes. Entre os impressos de maior circulação no período, podemos citar o Brasil Mulher e o Nós Mulheres. Aqui, pretendemos destacar o jornal “O Mulherio”, veiculado a partir da década de 1980, e constituído por pesquisadoras ligadas ao Núcleo de Estudos da Condição feminina no Brasil, da FCC. Neste impresso, a militância feminista é aliada à uma perspectiva acadêmica e política, que intercambia debates, unindo militantes e pesquisadores, promovendo um debate teórico-político.

Para dar conta da produção e divulgação científica feita por estas mulheres no âmbito do jornal Mulherio, utilizamos a categoria de mulheres intelectuais. De acordo com Wasserman (2015), o termo *intelligentsia*, referia-se ao compromisso moral e patriótico de acadêmicos, professores, religiosos e outros profissionais liberais, sendo utilizado pela primeira vez em 1844 na Polônia, difundida amplamente na cultura russa para designar os que se dedicavam à atividade intelectual. Já o termo intelectual conforme descrito por vários autores como Bordieu (1999), Charle (1990), Bobbio (2000), Badinter (2007), aparece pela primeira vez em 1898, em manifesto elaborado por profissionais liberais do jornal *L’Aurore*, liderado por Émile Zola. A partir de então, elucida Wasserman (2015), o termo passou a designar a condição profissional do exercício de atividades não manuais e principalmente para aqueles que assumissem uma posição política ou ideológica intervindo nos assuntos públicos.

Importante ressaltar, que a condição de intelectual precede o aparecimento deste termo, adquirindo ao longo do tempo várias designações tais como a de mestres e letrados, conforme analisou Le Goff (1989). De qualquer modo, a atividade intelectual pré ou pós o aparecimento do termo, é historicamente atribuído ao âmbito masculino. Poucas foram as mulheres que driblaram os silenciamentos históricos e compareceram



nos registros, nas quais apareceram como letradas, escritoras e posteriormente ao século XIX como intelectuais.

As primeiras mulheres intelectuais que são registradas pela história se despontaram no campo das letras (escritoras de contos, poesias, romances) no campo educacional (professoras primárias, a exemplo de Nísia Floresta, no Brasil). Posteriormente vão comparecendo exemplos pontuais nos espaços jornalísticos, a princípio com o viés político conservador (pré-discussão feminista) à exemplo de Maria Josefa Barreto (1786-1837)³ e posteriormente assumindo posturas progressistas de luta contra a opressão, o que possibilitou a partir dos finais da década de 1970, o comparecimento de mulheres intelectuais acadêmicas na difusão de pesquisas em periódicos, propondo uma nova visão do *ser mulher*, como também buscando romper com os silenciamentos históricos, recuperando inclusive trajetórias de mulheres que foram negligenciadas nos variados espaços sociais, dentre eles o do conhecimento⁴.

Ao se tratar de mulheres que se valeram da imprensa alternativa para reivindicarem o direito de serem ouvidas, como também de construírem conhecimento, nos deparamos com o primeiro jornal a ser feito por e para mulheres a partir da década de 1970, *Brasil Mulher*, que segundo Leite (2003), relaciona a militância feminista com o contexto sócio-político ditatorial, se comprometendo com a construção de uma nova linguagem conciliando o contexto com as reivindicações femininas e uma outra concepção de política.

Debértolis (2002) aponta o *Brasil Mulher* como divisor de águas no estilo reivindicatório da mulher militante, seguido do *Nós Mulheres* (outro jornal da época), ao passo que elege o *Mulherio* como o portador de um novo perfil, que concilia a academia e a militância. De acordo com o primeiro editorial do jornal *Mulherio*, o elã

³ Maria Josefa Barreto (1786-1837), nasceu no Rio Grande do Sul, era professora e abriu uma escola primária mista em sua casa em Porto Alegre, onde deu aulas para jovens como Antônio Pereira Coruja, depois conhecido autor de obras didáticas. Fundou dois jornais em 1833 polêmicos. Politicamente conservadora, foi considerada uma feminista “*avant la lettre*”.

⁴ Recentemente, mais precisamente em abril de 2019, a biblioteca Mário de Andrade em São Paulo, realizou uma exposição histórica e inédita, intitulada *Pioneiras: autoras mulheres no acervo de raridades*. A exposição contou com 50 livros escritos de autoras brasileiras entre 1754 e 1933, este evento reuniu pesquisadoras e pesquisadores de temáticas femininas e referenciamos a sua contribuição, justamente pela dificuldade de encontrar fontes e registros que façam o percurso de trazer mulheres intelectuais na história brasileira que não são em sua maioria de conhecimento público.



que possibilitou a reunião das mulheres redatoras do periódico, foi a pesquisa realizada pela Fundação Carlos Chagas sobre a condição feminina no Brasil, na década de 1980. A proposta inicial era de compor um boletim de notícias que intercambiasse e fortalecesse instituições e estudiosos sobre um viés crítico da temática feminina, além de oferecer dados abrangentes sobre a condição da mulher brasileira.

Embebidas pelo feminismo teórico, articulados à temas como sexualidade, etnia e classe, as pesquisadoras de *O Mulherio*, tornaram este um espaço de *práxis*, na qual buscavam articular os debates mais recentes relacionados à mulher, sobre uma perspectiva informativa e didática. De acordo com Tamião (2009), *O Mulherio* acrescentou ao debate feminista da década de 1980, temas até então considerados tabus acerca do corpo e da sexualidade da mulher, uma vez que entendiam “[...] direito ao prazer e ao corpo [...] como um dos fatores para a autonomia da mulher” (p. 115).

Com uma perspectiva interdisciplinar, uma vez que suas pesquisadoras provinham de várias áreas do conhecimento: jornalismo, saúde, psiquiatria, antropologia, sociologia, história, filosofia e educação, este periódico contou com uma pluralidade de temáticas em torno da mulher, abrangendo aspectos biológicos e sociais, e apesar das distinções teóricas, o entendimento comum no que tange a construção de uma nova concepção política de mulher, e propondo a superação do androcentrismo.

A partir desse entendimento, verificamos que o *Mulherio*, enquanto veículo de representação de um grupo feminista, em um contexto que legitimava o lugar de silenciamento e de esquecimento histórico-político das mulheres, atuou na sistematização e divulgação de pesquisas sobre a mulher, e também como esteira para a construção de uma nova memória, que rompesse com a visão tradicional que dissociava as mulheres do caráter político/público, restringindo-as ao campo do privado (do lar), desconectando as mulheres dos espaços intelectivos historicamente relegados aos homens.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres Intelectuais; Imprensa Feminista; Mulherio.

REFERÊNCIAS

BADINTER, Elisabeth. **Las pasiones intelectuales:** deseos de gloria (1735-1751). Buenos Aires: Fondo de Cultura económica, 2007. Vol I.

BOBBIO, Norberto et al. **Dicionário de Política.** 11. ed. Brasília: Editora Universidade



de Brasília, 1998. 2 volumes.

BOURDIEU, Pierre. **Intelectuais, política e poder**. Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires, 1999.

CHARLE, Christophe. **O nacimiento de los “intelectuales”**: 1880-1900. Buenos Aires: Nueva Visión, 1990.

DEBÉRTOLIS, Karen Silvia. **Brasil mulher**: Joana Lopes e a imprensa alternativa feminista. 140f. Dissertação. (mestrado em Comunicação e Informação). Porto Alegre: UFRGS, 2002.

LE GOFF, Jacques. **Os intelectuais na Idade Média**. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

LEITE, Rosalina. S.C. Brasil Mulher e Nós Mulheres: origens da imprensa feminista brasileira. In: **Estudos feministas**, vol.11, n.01. Florianópolis, 2003.

O MULHERIO. Edições 01-39. São Paulo: FCC, 1981-1988.

SÃO PAULO. **Pioneiras**: autoras mulheres no acervo de raridades. Exposição apresentada na Biblioteca Mário de Andrade em São Paulo, abril de 2019.

TAMIÃO, Juliana Segato. **Escritas feministas**: os jornais Brasil Mulher, Nós Mulheres e Mulherio (1975-1988). Dissertação. (Mestrado em História). São Paulo: PUC-SP, 2009.

WASSERMAN, Cláudia. História intelectual: origem e abordagens. In: **Revista tempos históricos**, v. 19, n. 1, 2015.